

Como morrem os santos

ANTONIO MARIA SICARI

Como morrem os santos

100 HISTÓRIAS DE RESSURREIÇÃO

**TRADUÇÃO
ARTUR PADOVAN**



QUADRANTE

Título original
Come muoiono i santi
100 racconti di risurrezione

Como morrem os santos
100 histórias de ressurreição
Antonio Maria Sicari
1ª edição — 2026

Copyright © Edizioni Ares Milano, 2016 – All rights reserved
www.edizioniaries.it

Capa & projeto gráfico
Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sicari, Antonio Maria

Como morrem os santos: 100 histórias de ressurreição / Antonio Maria Sicari; tradução de Artur Padovan – 1ª ed. – São Paulo, SP: Quadrante Editora, 2026.

Título original: *Come muoiono i santi*

ISBN: 978-65-287-0137-7

1 Espiritualidade católica 2. Santos — Igreja Católica — Biografias
2. Vida cristã 4. Santidade I. Título.

CDD — 922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. Santos — Igreja Católica — Biografias 922.22

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

11	INTRODUÇÃO – Morte, amor e santidade
11	A dor coloca perguntas e o amor faz uma promessa
14	Jesus Cristo: aquele que cumpre a promessa
17	A experiência dos santos
19	CAPÍTULO I – Morrer como mártir
22	São Tomás Becket
24	São Thomas More
26	Beatas mártires carmelitas de Compiègne
28	Beato Miguel Agostinho Pro
30	Beato Vladimir Ghika
33	São Maximiliano Kolbe
34	Beato Franz Jägerstätter
36	São Tito Brandsma
39	Santo Óscar Romero
42	Beato Pino Puglisi
44	Muitos outros mártires do dia a dia
47	CAPÍTULO II – Morrer de amor
49	São Francisco de Assis
51	São João da Cruz
55	Santa Teresa Margherita Redi
56	Santa Maria de Jesus Crucificado
58	Santa Teresa de Lisieux
62	Santa Isabel da Trindade
65	Santa Teresa dos Andes

68	Beata Maria Cândida da Eucaristia
69	Santa Rita de Cássia
71	Santa Josefina Bakhita
74	Santa Maria Bertilla Boscardin
77	Santa Faustina Kowalska
79	CAPÍTULO III – Morrer de paixão eclesial
80	Santa Clara de Assis
81	Santa Brígida da Suécia
83	Santa Catarina de Sena
85	Santa Ângela Merici
87	Santa Teresa d'Ávila
89	Santa Isabel Ana Seton
91	Beata Vitória Rasoamanarivo
93	Santa Francisca Xavier Cabrini
94	Santa Catarina Maria Drexel
95	Santa Edith Stein
99	CAPÍTULO IV – Morrer de caridade materna
99	Santa Isabel da Hungria
102	Santa Catarina de Gênova
103	Santa Joana Francisca de Chantal
105	Santa Luísa de Marillac
106	Santa Catarina Labouré
108	Santa Maria Crucificada de Rosa
109	Santa Bartolomea Capitanio e Santa Vincenza Gerosa
111	Beata Enrichetta Alfieri
113	Santa Teresa de Calcutá
114	Serva de Deus Annalena Tonelli
117	CAPÍTULO V – Morrer de caridade paterna
118	São Jerônimo Miani — ou também Emiliani
120	São João de Deus

122	São Camilo de Lellis
124	São Martinho de Porres
126	São Pedro Claver
128	São Vicente de Paulo
129	São José Benedito Cottolengo
131	São Luís Orione
133	São Damião de Veuster
135	Santo Alberto Chmielowski
137	Últimas palavras sobre a caridade dos santo
141	CAPÍTULO VI – Morrer de fadigas apostólicas
143	Santo Hilário de Poitiers
145	São Martinho de Tours
146	Santo Ambrósio
148	São Jerônimo
149	Santo Agostinho de Hipona
152	São Bento de Núrsia
154	Santo Anselmo da Cantuária
155	São Bernardo de Claraval
158	São Domingos de Gusmão
159	Santo Alberto Magno
162	São Tomás de Aquino
164	Santo Inácio de Loyola
165	São Francisco Xavier
167	São Filipe Néri
169	São Carlos Boromeu
171	São Francisco de Sales
172	Santo Afonso Maria de Ligório
174	Santo Cura d’Ars
176	São João Bosco
178	São Daniel Comboni
180	São Leopoldo Mandić
182	São João XXIII

184	São Charles de Foucauld
186	São Pio de Pietrelcina
188	São Josemaria Escrivá
191	CAPÍTULO VII – Morrer inocente
193	Santa Rosa de Viterbo
195	Santa Kateri Tekakwitha
196	São Domingos Sávio
199	Santa Maria Goretti
200	Beata Laura Vicuña
202	São Francisco Marto
204	Santa Jacinta Marto
208	Venerável Antonietta Meo
210	Venerável Mari Carmen Gonzáles-Valerio
213	Beata Chiara Luce Badano
219	CAPÍTULO VIII – Morrer santo
221	Beata Isabel Canori Mora
222	Venerável Margherita Occhiena
224	Beato Federico Ozanam
227	Santa Zélia Guérin e São Luís Martin
230	Beato Giuseppe Tovini
232	São Giuseppe Moscati
234	Serva de Deus Madeleine Delbrél
237	Servo de Deus Giorgio La Pira
239	Santa Gianna Beretta Molla
241	Venerável Jérôme Lejeune
243	Servo de Deus Jacques Fesch
249	Conclusão mariana
251	Nota bibliográfica

“Não será um pouco triste a leitura deste livro?”, me diz um amigo, espiando por acaso o título do manuscrito (recém-completado) que tenho na mesa. Vem-me à mente, então, um drama de Gustave Thibon (curiosamente intitulado *Sereis como deuses!*),¹ no qual se descreve a jactância de uma sociedade em que o homem se tornou imortal: a ciência e o progresso técnico, enfim, triunfaram sobre a natureza! Somente uma jovem sente-se tomada por uma tristeza invencível. “Você não está feliz?”, perguntam os amigos, espantados. “Será que não entende? Derrubamos o muro da morte!” Mas ela permanece pensativa: “E se, ao invés de derrubar um muro, tivermos fechado uma porta? Eu não quero essa imortalidade, pois preciso da eternidade.”

Mais cedo ou mais tarde — concluía o autor — será necessário decidir se queremos ser homens do futuro ou homens da eternidade.

A diferença está no desejo espasmódico de Santa Teresa de Ávila, que ainda criança dizia: “Quero ver a Deus!”

Neste livro, portanto, contei a morte de muitos santos, mas todos me confirmaram a verdade desta antiga intuição cristã: quando um santo morre, quem morre é a morte!

PADRE ANTONIO MARIA SICARI, O.C.D.

1 *Vous serez comme des dieux*. Paris: Fayard, 1954.

INTRODUÇÃO

Morte, amor, santidade

Duas são as experiências fundamentais da existência humana: o amor e a dor. Com a palavra *amor* podemos resumir todo o bem que recebemos e oferecemos ao longo da vida. Com a palavra *dor*, pretendemos evocar todo mal sentido no corpo e na alma, e que parece aglomerar-se quando o cortejo das doenças e dos infortúnios nos faz pressentir a proximidade da morte, a dissolução do nosso “eu”. Entre amor e dor há sempre um encontro inevitável às portas.

A DOR COLOCA PERGUNTAS E O AMOR FAZ UMA PROMESSA

A dor força o homem a levantar aquela pergunta radical — “quem sou eu?” — que nos acompanha ao longo da vida (junto com outras sobre o porquê e o objetivo de existirmos), mas que se torna urgente e dilacerante quando não temos mais a quem nos agarrar.

Decerto, ao longo dos anos, nossas experiências podem nos ter suscitado muitas reflexões, muitas convicções e muitas “certezas de fé”, mas todas (para que nos sejam ofertadas e sejam por nós percebidas)) devem ter-nos alcançado através de pessoas que portavam a primeira e a última resposta: “É você o ser que eu amo!”.

Normalmente, essa resposta é confiada primeiramente àqueles que nos deram a vida e logo se puseram a protegê-la (pais, familiares), e só então àqueles que nos proporcionaram sua amorosa companhia (cônjuge, filhos, amigos).

É evidente que a mãe e os cônjuges são as únicas duas pessoas cuja correspondência chegou à própria carne.

No decorrer dos anos, o diálogo substancial a que aludimos (“E eu, quem sou?”, “Tu és o ser que eu amo!”), ainda que expresso tacitamente, basta para nos satisfazer e tranquilizar mesmo quando vacilamos (sempre que recebemos a graça e a felicidade de poder experimentá-lo).

A resposta, quando verdadeira, toca-nos sempre como uma graça consoladora: aquele/aquela que se reconhece amado/a intui de imediato que ela contém muitas outras promessas, mas espera que o tempo as manifeste e realize.

Quando, porém, chega o tempo do sofrimento extremo e a pessoa sente a ameaça decisiva da morte, a pergunta de sempre (quem sou eu?) se amplia em proporções infinitas e exige uma resposta à altura.

É urgente, então, que seja finalmente explicitada a promessa contida em toda fórmula amorosa: “Aquele que ama diz:

Tu não morrerás jamais!” É essa a expressão que G. Marcel põe nos lábios de Arnaud Chartrain, protagonista de um dos seus dramas, intitulado *La soif*.¹ Em outra obra de sua autoria sobre o *Mistério do ser*, ele a explicou da seguinte maneira:

Qual pode ser o sentido exato daquela afirmação? Ela não se resume, certamente, a uma exortação ou a um desejo; antes, possui o caráter de uma garantia profética... Poderia ser formulada exatamente assim: quaisquer que sejam as mudanças que tenho diante dos olhos, tu e eu continuaremos juntos; [o que aconteceu] não pode anular a promessa de eternidade abarcada pelo nosso amor.²

Podemos acrescentar que, se reuníssemos numa só todas as expressões de amor verdadeiro que os homens já trocaram, esta não seria outra senão “a encantadora promessa que o Amor faz à humanidade, da parte de Deus”.³ Mas eis que aqui emerge o paradoxo mais misterioso: é justo quando o cumprimento dessa promessa não pode mais ser adiado que descobrimos que, humanamente, a promessa *não pode* ser cumprida. Não que a promessa fosse falsa ou insincera; ela era, e é, até mesmo necessária, pois é intrinsecamente inerente à natureza do amor. No entanto, os amantes terrenos não sabem como cumpri-la: não têm forças para tanto perante a morte, por maior e mais sincero que seja o seu amor.

1 *La soif* (*Pièce en trois actes*). Paris: Desclée de Brouwer, 1935.

2 *Le mystère de l'être*, Tome II, *Foi et réalité*. Paris: Aubier, 1981, pp. 154–155. G. Marcel já a tinha prenunciado em *Homo viator*, Aubier, 1944, p. 189.

3 E. Caffarel, *Pensieri sull'amore e la grazia*. Milão: Istituto La Casa, 1963, p. 48.

JESUS CRISTO: AQUELE QUE CUMPRE A PROMESSA

Mas é justamente esse o maior estímulo que Deus nos deixou para o invocarmos.

Quando nós, criaturas mortais que somos, não conseguimos cumprir a promessa contida em nosso próprio amor, a promessa não se mostra falsa, mas se transmuta em invocação.

Em se tratando de promessas de amor, quem pode responder de verdade, senão Aquele que é o Amor: o Amor Crucificado-Ressuscitado?

Se Jesus é o Amor feito carne, também a Ele compete o cumprimento das promessas de amor! É essa a prova mais evidente da necessidade que temos da Sua presença e da Sua graça.

Por isso, quando, do fundo do coração, sentimos anseio por promessas infinitas que nossa precariedade não consegue preservar, mas que nos são, de qualquer modo, necessárias, é chegado o momento decisivo de acolher, de maneira absolutamente única e pessoal, aquele convite que Papa João Paulo II dirigiu imediatamente — logo após a sua eleição — ao mundo inteiro: “Não tenhais medo! Cristo sabe o que há no coração do homem. Só Ele sabe.” E o dirigiria mais uma vez, insistentemente, principalmente aos jovens:

Cristo é o único interlocutor competente ao qual vocês podem colocar as perguntas essenciais sobre o valor e o sentido da vida: não somente da vida com saúde e feliz, mas também da vida oprimida pelo sofrimento [...]. Sim, Cristo é o único

interlocutor competente, mesmo para as perguntas dramáticas que se podem formular mais com gemidos do que com palavras. Interroguem a Ele, escutem a Ele!⁴

Quando chegar a hora da morte, será importante ter adquirido boa familiaridade com as cenas descritas nos relatos da Paixão de Jesus.

Os santos as contemplavam frequentemente, descobrindo nelas, cheios de espanto, o relato dos próprios sofrimentos (já antecipadamente enraizados nos de Cristo), e quiçá até o desejo mesmo de morrer.⁵

Já São Paulo podia testemunhar aos primeiros cristãos: “Trago no meu corpo as marcas de Jesus” (Gl 6, 17), e ele tinha certeza de que as penas de sua existência (principalmente aquelas relacionadas às inumeráveis fadigas missionárias e às perseguições sofridas)⁶ constituíam uma graça especialíssima: “Longe de mim o gloriar-me senão da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu, crucificado para o mundo” (Gl 6, 14).

Ele dizia que não tinha outro objetivo senão o de “conhecer a Ele e o poder da sua ressurreição, participando dos seus sofrimentos e tornando-se semelhante a Ele na morte, com a esperança de alcançar a ressurreição dos mortos” (Fl 3, 7–11).

4 Em Compostela, durante a JMJ de 1989.

5 O *muero porque no muero* [morro porque não morro] que serve de refrão a alguns poemas de Santa Teresa d'Ávila e de São João da Cruz.

6 Cf. 2 Cor 11, 23–27.

Sentia, ademais, a responsabilidade de completar o que faltava, na sua carne, à Paixão de Cristo (cf. Cl 1, 24).

O Papa São Leão Magno explicava: “Aquele que deseja honrar a Paixão do Senhor deve olhar para Jesus Crucificado com os olhos do coração, de modo a reconhecer na Sua carne a própria carne.”⁷

Em todos os relatos de Paixão (a de Cristo e a de seus santos, especialmente seus mártires) não encontramos explicações para nossos por quês sobre o sofrimento e a morte, mas a certeza de que o Filho de Deus veio nos fazer companhia também na dor.

Jesus jamais nos deixará sozinhos no sofrimento. E, justamente no instante derradeiro da morte, unir-se-á por completo a nós, pois “nenhum de nós vive para si mesmo, e nenhum de nós morre para si mesmo. De fato, se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Logo, vivamos ou morramos, somos do Senhor” (Rm 14, 7–8).

Infinitamente consolador é descobrir no Evangelho que a nossa morte acontecerá dentro de um acordo de amor já firmado entre o Pai e o Filho: “Tudo o que o Pai me dá virá a mim. [...] Ora, a vontade daquele que me enviou é que eu não perca nada do que ele me deu, mas que o ressuscite no último dia. Pois esta é a vontade do meu Pai: que todo aquele que vê o Filho e crê nele tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 35–40).

7 Leão Magno, *Discurso 15 sobre a Paixão do Senhor*, vl 5, pp. 366–67.

Todo fiel deveria pedir a graça de ser enterrado tendo entre as mãos essa página do Evangelho.

A EXPERIÊNCIA DOS SANTOS

Os santos não temeram a morte.

Alguns a encontraram prematuramente, em tenra idade, quase consumidos por um amor impaciente por Deus e também, ousou dizer, vindo de Deus. Outros quase a provocaram — mas sem arrogância — pela urgência martirial de testemunhar a Vida e a Verdade de Cristo.

Alguns a desejaram, num ímpeto místico do coração que reza para que o Esposo Cristo apresse sua vinda. Outros esperaram por ela e viveram-na com extrema dor, mas porque foram chamados pelo amor a reviver as horas dramáticas da Sexta-feira Santa.

Alguns quase a “procuraram”, no desespero de se consumir inteiramente em “obras e obras” de caridade e missão. Outros a saborearam em idade avançada, “saciados de dias”, felizes e cansados por um longuíssimo trabalho na vinha do Senhor.

Podemos dizer que esse cortejo de santos cristãos que se aproximam em paz da morte foi aberto — quando Jesus tinha ainda poucos dias de vida — pelo velho São Simeão, que suplicou para partir em paz quando pôde ter nos braços o Santo Menino e seus olhos “finalmente viram a salvação”.

Disto é feita a esperança cristã: desse ir ao encontro da morte com a certeza jubilosa de estar abraçando a Vida, depois que na terra se pôde humanamente contemplar o gérmen da Salvação.

CAPÍTULO I

Morrer como mártir

A Jesus, Filho de Deus, que nos deu a própria vida, só podemos responder adequadamente doando toda a nossa existência.

Em tempos de paz e de um jubiloso progresso, isso pode ser feito no próprio ritmo da vida de fé, à medida que o fiel vai descobrindo as exigências do “seguimento cristão”.

Em tempos de perseguição (normalmente aqueles em que se dá a fundação da comunidade eclesial ou em que a história profana se recrudescer e se volta contra ela), o dom da vida pode ser exigido a todos os fiéis a qualquer momento; e a maturação necessária para isso constitui um dom de Deus que acompanha e sustenta esse chamado ao martírio.

Isso não quer dizer que não haja circunstâncias históricas (como ocorreu nos primeiros séculos) em que a *preparatio martyrii* seja a pedagogia mais adequada. Deve-se, então, educar os cristãos não somente a pertencer ao Senhor Jesus em vida, mas a pertencer a Ele também na morte: uma morte sempre

iminente como a última e mais gloriosa afirmação da própria *identidade espiritual*.

As antigas *Atas dos mártires* relatam-nos como alguns deles chegaram a se recusar a dar o próprio nome aos perseguidores: bastava-lhes ser chamados de *cristãos*, razão também pela qual acabavam presos.

O brado de São Paulo: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”, deve-se realizar para todos. Isso normalmente acontece nas misteriosas profundezas do eu batizado; profundezas em que, quanto mais o fiel “crê”, mais fundo mergulha.

Nos mártires, porém, um tal brado (com o qual o eu se projeta a evocar a Pessoa mesma de Cristo) alcança a superfície do ser, de modo que se torna *visível* a força da presença de Deus.

Aplicado isso ao “caso grave” do testemunho mais radical, os mártires comunicam ao mundo que uma vida sem Cristo é morte, enquanto a morte com Cristo é vida eterna.

“Dar a vida” ou “perdê-la voluntariamente” ainda não é *martírio*, apesar de o nome ter sido por vezes aplicado à experiência daqueles homens generosos que se sacrificaram pela pátria ou por uma causa justa, ou até para garantir uma derrota mais certa e ampla de um inimigo.

Um mártir cristão só é mártir sob duas condições. Primeiro, é preciso que a sua “força” não seja ostentada como vigor humano. Mesmo que, em alguns casos, isso seja possível (graças às técnicas de coragem e resistência), o mártir cristão encomenda-se antes, e expressamente, à própria fraqueza para

depô-la nos braços de um Outro, ao que transfere a esse Outro a responsabilidade por ela. Tanto é assim que, ao cristão conduzido ao martírio ou, pior, à tortura insuportável que o espera, pede-se somente que chegue *com fê* até o limiar do insuportável, *crendo* que Cristo (*seu verdadeiro “eu”*) o sofrerá em seu lugar.

Assim as *Atas autênticas do martírio das santas Felicidade e Perpétua* (tradicionalmente atribuídas a Tertuliano) transmitem com denodo o episódio da jovem mártir Felicidade, que, obrigada a dar à luz na prisão, aos torturadores que caçoavam dela (“O que farás quando te lançarmos às feras, tu que agora choras tanto?”) responde com um brio humilde: “Agora sou eu que sofro, mas lá haverá Outro que sofrerá por mim!”

Ademais, é preciso que o mártir morra sem uma migalha sequer de ódio ou rancor por seus perseguidores, como que os arrastando consigo — no seu perdão, no seu amor e na sua esperança — e oferecendo-se, por uma infável comunhão entre santos e pecadores, para reatar os vínculos justamente ali onde o mal os desejaria romper em definitivo.

Os mártires, enfim, sabem que *já ressuscitaram com Cristo* precisamente quando são, por graça, chamados a *completar nos próprios membros a Sua Paixão*.

Os primeiros séculos da história cristã estão repletos de exemplos de martírio que a tradição nos legou com afeto, e são muitos os nomes antigos que se tornaram caros para nós.

O historiador Tácito já escrevia que sob Nero foi morta uma “ingente multidão” de cristãos, ao passo que os autores

cristãos falam de uma “grande multidão de eleitos”, ou ainda de “um povo incalculável de testemunhas”.

As catacumbas (de São Calisto, de Santa Domitila, de Priscila, de São Sebastião, de Santa Inês) guardam essa santa recordação; porém, neste texto, preferimos evocar as figuras de alguns mártires pertencentes ao segundo milênio, os quais viveram em contextos históricos e sócio-políticos mais próximos de nós.

SÃO TOMÁS BECKET

(1118–1170)

São Tomás Becket marcou o início do segundo milênio, optando por “amar a honra de Deus” em detrimento da devoção e amizade que tinha pelo seu soberano, Henrique II, e impedindo-o de exercer seu autoritarismo sobre a Igreja inglesa.

Na corte, num acesso de ira, o rei desabafara censurando “aqueles seus cortesãos velhacos que permitiam que um sacerdote o ridicularizasse”. Isso bastou para que quatro cavaleiros enraivecidos jurassem vingar o soberano. Chegaram à Cantuária com uma escolta armada na tarde de 29 de dezembro de 1170, quando o arcebispo se preparava para celebrar as Vésperas. Mesmo podendo trancar-se na catedral, ele ordenou que as portas ficassem abertas: “A Igreja de Deus não deve ser transformada numa fortaleza!”, sentenciou. Também poderia ter fugido e se escondido na cripta, mas decidiu permanecer ao lado do altar, vestido com os paramentos episcopais solenes e segurando uma cruz. Os conjuradores brandiam espadas e machados.

— Onde está Tomás Becket, traidor do rei e do reino?
— gritaram.

— Não sou traidor. Sou sacerdote — respondeu o arcebispo, com os olhos fixos na estátua da Virgem Santa, que estava na parede à sua frente.

Enquanto todo o bando avançava contra ele, Tomás cobriu os olhos com as mãos e murmurou:

— Nas tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito.

Então acrescentou, com decisão:

— Aceito a morte em nome de Jesus e de sua Igreja.

Golpearam sua cabeça com um machado, e ela caiu sobre um lago de sangue. Antes de saquearem o palácio episcopal, os conjuradores ordenaram que o corpo fosse lançado num lamaçal. A notícia do assassinato chocou a Europa. Contava-se que até o papa ficara perturbado e circunspecto, e de tal modo que por oito dias ninguém ousou dirigir-lhe a palavra; e que o próprio Henrique II se trancara por três dias nos seus aposentos, sem querer alimentar-se.

A trágica morte em defesa da liberdade da Igreja a que Tomás fora submetido em sua catedral, revestido dos paramentos pontifícios e durante a sagrada liturgia, impressionou tanto seus contemporâneos que lhe foi concedido até mesmo o título altissonante de *Arcebispo Primaz não somente de uma cidade, mas do mundo inteiro*.

Foi canonizado em 1173, apenas dois anos após a morte, e já pode ser visto entre os santos mártires nos mosaicos da semicúpula da abside de Monreale, construída em 1174.

SÃO THOMAS MORE

(1477–1535)

Nascido em Londres, Thomas More foi um dos maiores humanistas do seu tempo. É autor de uma célebre obra de filosofia política intitulada *Utopia*. Casado e pai de quatro filhos, empregado na magistratura, deu testemunho de intensa caridade, chegando a fundar uma *Casa da Providência* para acolher idosos e crianças doentes. Em 1529, foi nomeado chanceler do Reino da Inglaterra por Henrique VIII (a exemplo do que acontecera com Tomás Becket). Infelizmente, o soberano encontrava-se então em conflito com o papa, uma vez que almejava a invalidação das núpcias contraídas com Catarina de Aragão (que não lhe tinha dado filhos) para casar-se com Ana Bolena. Após a recusa do Pontífice, o rei fez-se proclamar “único protetor e chefe supremo da Igreja da Inglaterra”. Incapaz de aceitar tal decisão, More renunciou ao cargo de chanceler. Foi encarcerado na Torre de Londres, e lá permaneceu por quinze meses, meditando a Paixão de Cristo e “buscando seguir humildemente os seus passos”. A quem tentava convencê-lo, recordando-lhe que o Ato de Supremacia fora aceito até por muitos bispos, Tomás respondia que “a maior parte dos santos no Céu havia pensado como ele pensava” e que “o concílio de um só reino não tinha autoridade contra o concílio geral da cristandade”. Foi decapitado na clareira em frente à torre de Londres a 6 de julho de 1535, vigília da festa de São Tomás Becket. No dia anterior havia escrito à filha: “Gostaria de ir para o Paraíso precisamente amanhã, num dia tão propício para

mim!” E, como o primeiro Tomás escolhera morrer repetindo as últimas palavras do protomártir Estêvão, assim também More voltou-se para os juízes que o acabaram de condenar e evocou o mesmo episódio bíblico:

Nada tenho a acrescentar, senhores, a não ser isto: assim como o apóstolo Paulo, de acordo com o que se lê nos Atos dos Apóstolos, assistiu anuente à morte de Santo Estêvão, chegando a zelar pelas roupas daqueles que o apedrejavam, agora estando, não obstante, com ele, santo no Céu, onde permanecerão para sempre, do mesmo modo espero (e rezarei intensamente por isso), de verdade, que eu e vós, meus senhores, que foram meus juízes e me condenaram na terra, possamos todos juntos encontrar-nos com júbilo no Céu, para a nossa salvação eterna.

Assim, morreu cristãmente. Por toda a vida havia exaltado a dignidade do homem — tão sublinhada no Renascimento —, harmonizando entre si fé, cultura, caridade, afetos familiares, ocupação social e política. Ao morrer mártir, enfim, mostrou que a sua mais alta dignidade estava em saber entregar a própria vida, toda ela, a Cristo Jesus.

Com Thomas More, ademais, o ideal humanístico do *verdadeiro homem* não só se afirmou com solene dignidade diante da perseguição e da morte, como alcançou um ponto altíssimo: o de reconhecer a plena dignidade humana também dos seus perseguidores, a ponto de desejar-lhes, com verdadeira esperança, a mesma santidade, nisto fixando-lhes um compromisso com o Paraíso.

Avancemos até chegarmos ao fim do século XVIII, quando não serão mais os reis a martirizar os cristãos, mas os “cidadãos” que pretendem agir em nome “da liberdade, da igualdade e da fraternidade”.

BEATAS MÁRTIRES CARMELITAS DE COMPIÈGNE (1794)

No final de 1793, os revolucionários franceses desencadearam o *grande terror* em nome de sua “razão iluminada”, a qual exigia “não apenas a punição, mas a aniquilação dos inimigos da pátria”, além da sua “total descristianização”.

Porém, quando se tratou de condenar à morte, em nome da República, dezesseis monjas carmelitas, não acharam outra “luz da razão” senão a acusação de *fanatismo*, e assim dezesseis mulheres foram guilhotinadas em Paris, na então chamada “Praça do Trono Derrubado” (e pensar que duas delas tinham 79 anos!).

No entanto, as monjas conseguiram transformar aquela horrível cena numa ação litúrgica, à qual a multidão assistiu como se assiste a um rito sacro.

Normalmente, os comboios dos condenados tinham de abrir caminho entre duas alas de uma multidão ébria e vociferante, mas dizem as testemunhas que aqueles dois carros em que as irmãs haviam sido amontoadas passaram “em meio a um silêncio tal da multidão que não se repetiu mais durante toda a Revolução Francesa”. Chegaram à velha praça onde se erguia a guilhotina por volta das oito da noite. A madre priora pediu

ao carrasco a graça de morrer por último, de modo que pudesse assistir e apoiar como mãe todas as suas religiosas, principalmente as mais jovens; e o carrasco assim permitiu. Elas queriam morrer juntas também espiritualmente, como se realizassem um único e último ato comunitário. A priora também pediu ao carrasco a gentileza de esperar um pouco, e isso também lhe foi concedido. Entoou, então, o *Veni Creator Spiritus*, e o cantaram inteiro. Em seguida, todas renovaram seus votos. Quando terminaram, a madre virou-se de lado, em frente ao patíbulo, segurando na palma da mão uma estatueta de terracota da Santa Virgem que conseguira esconder até aquele momento. A primeira a partir foi uma jovem noviça que se ajoelhou diante da priora, pediu-lhe a bênção e a permissão de morrer, beijou a estatueta da Virgem e, segundo as testemunhas, subiu os degraus do patíbulo “contente como se estivesse indo a uma festa”. Enquanto subia, entoava o salmo *Laudate Dominum omnes gentes*, retomado pelas outras, que, uma de cada vez, a seguiram com a mesma paz e a mesma alegria, ainda que tenha sido necessário ajudar as mais velhas. Por último subiu a priora, depois de entregar a estatueta a uma pessoa que se achava ali perto (a imagem foi conservada e ainda hoje está no mosteiro de Compiègne).

Escreve E. Renault:

O golpe da guilhotina, o ruído seco do corte, o som abafado da cabeça caindo... Nenhum grito, nada de aplausos ou berros sem compostura (como acontecia habitualmente). Até os tambores ficaram mudos. Naquela praça, empesteadas com o odor do

sangue fétido, apodrecido pelo calor do estio, um silêncio solene desceu sobre quem assistia, e talvez a oração das carmelitas já lhes houvesse tocado o coração.

Depois se descobriria que, naquele dia, entre as jovens que assistiam, mais de uma moça prometeu a Deus, em seu coração, que as substituiria.

Com base nesse caso comovente sugeriram uma novela histórica (*A última ao cadafalso*, de G. von Le Fort), um drama (*Diálogo das carmelitas*, de G. Bernanos), uma ópera (de F. Poulenc) e o roteiro de um filme, escrito por P. Bruckberger.

BEATO MIGUEL AGOSTINHO PRO

(1891–1927)

Estudos recentes apontam que, no século xx — no qual se contrapuseram, sucederam ou aparelharam as mais violentas ideologias revolucionárias —, houve mais de 45 milhões de mártires cristãos.

Quem inaugurou essas fileiras foi o jovem padre jesuíta Miguel Agostinho Pro, vítima da primeira grande perseguição do século, que estourou no México sob a influência de grupos maçons que, em 1917, promulgaram a primeira constituição socialista da história, com o intuito explícito de desarraigar totalmente a fé católica do país e das consciências.

A situação chegou a tal ponto que os sacerdotes foram obrigados a ir todos para a clandestinidade. Padre Pro tornou-se, assim, o “ator de Deus”, que conseguia camuflar-se de maneiras impensáveis para alcançar e apoiar seus fiéis como fosse preciso.

Exercia o seu ministério às escondidas com indomável energia, recorrendo a disfarces engenhosos para enganar as inspeções da polícia e pregando retiros secretos de exercícios espirituais. Fundou *centros eucarísticos* onde distribuía centenas de comunhões diárias, chegando a ministrar 1.500 num só dia. Também sabia alegrar o povo com o violão e com sua capacidade de organizar momentos de festa. Depois de apenas dois anos de sacerdócio, foi preso sob a falsa acusação de ter participado de um atentado político. O processo correu à revelia de toda norma jurídica e de todo direito humano, e Padre Miguel foi condenado ao fuzilamento.

Foi executado na presença de jornalistas e fotógrafos, uma vez que o ditador então no poder queria oferecer ao mundo o espetáculo de um sacerdote amedrontado implorando por clemência. Porém, o que acabou por acontecer foi uma sacra celebração.

Quando, na manhã de 23 de novembro de 1927, abriu-se a porta do cárcere subterrâneo e ressoou a voz do comandante que gritava o seu nome, Pe. Pro compreendeu que chegara a sua hora. Parou por um momento a fim de abençoar os companheiros e, naquele instante, o carcereiro, chorando, pediu-lhe o perdão.

— Não só o perdoo, mas lhe agradeço — respondeu-lhe o padre, e o abraçou.

Quando chegou ao local da execução, foi-lhe concedido o tradicional último desejo, e ele pediu um pouco de tempo para rezar. Fê-lo de joelhos, diante do pelotão enfileirado. Depois ficou em pé e disse:

— Deus é testemunha de que sou inocente do delito que me imputam. Que o Senhor tenha piedade de todos vós.

Então estendeu os braços em cruz e, segurando o crucifixo numa mão e o rosário da outra, acrescentou:

— Perdoo de todo o coração os meus inimigos.

Então, em alta voz:

— Viva Cristo Rei!

Acredita-se que um soldado do pelotão de execução tenha murmurado, transtornado:

— É assim que morrem os justos!

E as fotos, que o ditador desejava obter para humilhar o mártir e a Igreja, logo se difundiram e viraram relíquias.

Alguns dias antes de morrer, Padre Pro escrevera para si esta tocante oração:

Creio, Senhor, mas aumenta a minha fraca fé. Coração de Jesus, eu te amo, mas aumenta o meu amor; confio em ti, mas fortalece a minha esperança. Coração de Jesus, eu te entrego o meu coração, mas esconde-o muito profundamente no teu e guarda a minha promessa, de modo que eu a mantenha até o sacrifício mais completo da minha vida.

BEATO VLADIMIR GHIKA

(1873–1954)

Vladimir Ghika pertenceu ao inumerável grupo dos mártires que testemunharam a fé frente à raiva dos regimes ateus socio-comunistas. Príncipe romeno convertido ao catolicismo, foi declarado mártir em 2013.

Nos princípios do conturbado século xx — depois de tornar-se sacerdote —, fundou em sua pátria (que nunca os tivera antes) o primeiro instituto católico dedicado às obras de caridade, inspirando-se em São Vicente de Paulo. Fê-lo empregando todas as suas energias e os seus haveres em favor dos pobres e dos doentes, elaborando, ao mesmo tempo, uma peculiar “liturgia do próximo” que se tornou uma constante em seu pensamento e na formação que transmitiria aos seus seguidores.

No contexto dos pobres, “liturgia do próximo” quer dizer que é preciso celebrar o “encontro de Jesus com Jesus”. Com efeito, “dos dois lados há somente Cristo: o Cristo Salvador vem ao encontro do Cristo Sofredor, e ambos se integram no Cristo Ressuscitado, glorioso e bendizente”.

Por isso, quando o chamavam para qualquer necessidade, Vladimir punha-se a caminho rezando: “Senhor, vou ao encontro de um daqueles que chamaste ‘outro de Ti mesmo’”. Era esta a sua máxima preferida: “Nada torna Deus tão próximo quanto o próximo”, e ele a pôs em prática até a última hora de sua vida — mesmo no horror de uma prisão comunista, à qual fora lançado quando já tinha mais de oitenta anos, e onde passou os últimos meses dando apoio a todos os prisioneiros com o afeto, as atenções e as histórias de um velho avô.

Pôde assim aplicar, literalmente, aquilo que anotara em seus *Pensamentos*, comentando o episódio dos discípulos de Emaús: “Quando o dia termina, os discípulos de Jesus só podem ser reconhecidos pelo seu modo de — como o seu Mestre

— saber partir o pão, sacrificando pelos irmãos o pão vivo dos próprios corpos.”

Nas prisão ele partia esse pão consumindo, pelos seus companheiros de cárcere, a sua frágil voz. Nas longas e gélidas horas noturnas, todos ficavam atentos a cada palavra que saía de seus lábios e nunca se cansavam de pedir algumas histórias que iluminassem e aquecessem as trevas daquela terrível prisão. Vladimir conhecia pessoalmente a história gloriosa dos antigos principados romenos; frequentara as famílias reinantes de quase todos os países do mundo; conhecera quatro papas e vivera no Vaticano e na Terra Santa; viajara por todos os continentes; frequentara os salões dos intelectuais e os *ateliês* dos mais célebres artistas.

Os detentos o rodeavam como crianças impacientes:

— Monsenhor, por favor, outra história!

E Vladimir falava longamente, relatando, descrevendo e pintando, ao vivo, cenários e personagens, salpicando a sua narrativa com reflexões sobre o sofrimento, sobre a sanidade, sobre o próximo, sobre Deus. Assim os muros da prisão pareciam desaparecer, e os prisioneiros começavam a crer na vida, na história, na beleza do mundo, na Providência Divina que chegava também àquelas paredes frias e malcheirosas. “Para ele”, relatou certa testemunha, “os muros da prisão não existiam. Era livre, porque fazia a vontade de Deus”. Assim, naquele cárcere aquecido somente pela caridade daquele velho sacerdote, passou-se o terrível inverno de 1953–1954. Quando a primavera chegou, Ghika já estava nas últimas. Transportado para a enfermaria da prisão — onde o abandonaram seminu —,

ali morreu em total solidão em 17 de maio de 1954. Dissera profeticamente: “A nossa morte deve ser o ato supremo da nossa vida: mas pode acontecer que Deus seja sua única testemunha.”

SÃO MAXIMILIANO KOLBE **(1894–1941)**

Foi um jovem franciscano conventual cheio de ardor apostólico e espírito empreendedor, um jovem que havia fundado, em sua pátria, a *Niepokalanov* — a cidade da Imaculada. Inicialmente, tratava-se de uma grande basílica mariana; mais tarde, ao redor dela, nasceram um convento para centenas de frades (eram 762 após dez anos) e um complexo editorial dotado de toda a estrutura necessária. Havia até uma estação ferroviária e um pequeno aeroporto. Foi preso pelos nazistas enquanto estava em plena atividade apostólica, que já se estendia até o Japão. Considerou o campo uma nova terra de missão. Durante um extermínio ordenado pelo comandante do campo depois da fuga de um prisioneiro, Padre Kolbe ofereceu-se espontaneamente em substituição de uma das vítimas, que invocava desesperado a mulher e os filhos. Os condenados a morrer de fome foram jogados nus no bloco da morte, sem que lhes fosse dado mais nada, nem mesmo uma gota d’água. Daquele dia em diante, porém, o campo passou a ter um local sacro. A longa agonia era dividida pelas orações e cânticos que Padre Kolbe recitava em alta voz. Das celas vizinhas, os outros condenados respondiam. A fama do que estava acontecendo divulgou-se também nos outros campos de concentração. Toda manhã, o *bunker* da fome era inspecionado. Quando as

celas se abriam, aqueles infelizes choravam e pediam pão, e quem se aproximava recebia um golpe e era derrubado violentamente no assoalho. Padre Kolbe não pedia nada, não reclamava, ficava sentado no fundo, apoiado na parede. Os próprios soldados o olhavam com respeito. Logo os condenados começaram a morrer; depois de duas semanas, restavam vivos somente quatro, entre eles o Padre Kolbe. Para fazê-los morrer, em 14 de agosto de 1941 aplicaram-lhes uma injeção de ácido fênico no braço esquerdo. Era a vigília de uma das festas marianas que Maximiliano mais amava: a da Assunção, na qual ele cantava sempre com prazer aquele louvor popular que diz: “*Andrò a vederla, un dì!*”

Depois relatou o seu carcereiro:

Quanto reabri a porta de ferro, já não vivia mais, mas apresentava-se a mim como se estivesse vivo. Ainda apoiado no muro. O rosto irradiava de um modo insólito. Os olhos bem abertos e concentrados num mesmo ponto. Toda a figura como que em êxtase. Jamais esquecerei.

Padre Maximiliano fora o último a morrer, testemunhando que a fé e a caridade haviam obtido vitória ali mesmo, onde fora programada a destruição da própria dignidade humana.

Foi canonizado como “mártir da caridade”.

BEATO FRANZ JÄGERSTÄTTER

(1907–1943)

Franz Jägerstätter foi um camponês austríaco simples, nascido na fronteira com a Bavária, mas que ousou opor-se ao regime de Hitler,